



CIDADES

Apiaí, Barra do Chapéu, Guapiara, Iporanga, Itaóca, Itapirapuã
Paulista, Ribeira e Ribeirão Branco

CURSOS

Física/Química e Biologia, Matemática, Geografia e História,
Língua Portuguesa/Literatura

293 professores
capacitados

36 escolas
participantes

960 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Aluno da E.E. Diógenes Ribeiro de Lima, em Ribeira, durante aula de Língua Portuguesa; na página anterior, alunos da E.E. Professora Júlia Ribeiro Bretas, no bairro rural do Encapoeirado, no município de Apiaí

ABRINDO AS PORTAS



José Manoel Costa Hernandez



Pedro Paulo de Almeida Galvão

A chegada da Unicamp em Apiaí é um marco na história da educação da região. Não foram poucas as tentativas realizadas pela Diretoria de Ensino para que os professores tivessem acesso a uma formação continuada. A iniciativa é inédita e abre as portas para que os profissionais não precisem se deslocar para outras regiões em busca de atualização. “Eles nunca haviam tido um curso de formação na região. Era uma luta antiga”, destaca o assistente técnico da Diretoria de Ensino de Apiaí, José Manoel Costa Hernandez.

A Diretoria consegue oferecer apenas oficinas pedagógicas. Neste caso, aqueles professores que se destacam por sua atuação na região são convidados a participar do projeto. “Os profissionais viajam para São Paulo, passam por treinamento e depois retornam. São pessoas que tiveram a mesma formação que os outros”, afirma Hernandez.

Desde julho, o programa Teia do Saber tem permitido aos professores o contato com novas metodologias de ensino e conteúdos atualizados, que dificilmente conseguiriam sem viajar mais de uma centena de quilômetros. “Quando surgiu a possibilidade de se trazer a Unicamp para o Ribeira, ficamos entusiasmados. Queríamos uma universidade de excelência”, lembra Hernandez. O sucesso foi tão grande que, dos 800 professores ligados à rede de ensino local, 45% estão participando do programa.

Segundo o dirigente de Ensino de Apiaí, Pedro Paulo de Almeida Galvão, os problemas na formação dos educadores são inúmeros. Desde a graduação, os professores da Rede de Ensino enfrentam vários obstáculos para atuarem no mercado. “Em primeiro lugar, temos uma lacuna na formação desses professores por conta da qualidade do ensino nas universidades mais próximas. Muitos professores universitários não são mestres”, afirma o dirigente. Este fator faz com que os conteúdos sejam dados de forma superficial, prejudicando o desempenho em sala de aula.

A distância é outro problema enfrentado. “Muitos saem de Apiaí para Itapetininga – cidade que possui uma das universidades mais próximas –, onde chegam às 19h30, retornando por volta de meia-noite. No dia seguinte, precisam trabalhar às 7 horas. É assim que se faz a formação por aqui”. Apenas cerca de 2% dos professores, justamente aqueles que possuem um padrão de vida melhor, conseguem estudar em Sorocaba, São Paulo ou Curitiba.

UMA REPORTAGEM NO RIBEIRA

*Como uma roseira,
Nasceu essa heroína.
Eternamente é lembrada
Por seu valor e sua sina.
Sua vida é uma mensagem,
Doce e amada Regina*

O poema acima está numa moldura sem retoque pendurada no corredor que dá acesso ao saguão da Escola Estadual Professora Regina Dias Antunes da Silva, no centro do município paulista de Apiaí, a 330 quilômetros de Campinas. Trata-se de um dos muitos escritos de autoria de alunos em homenagem à professora que dá o nome à escola. Além dos poemas, redações e mensagens, um vaso com flores artificiais foi colocado ao lado de um retrato da homenageada. Um desavisado poderia ver ali um pequeno altar. É quase isso. Para dar aulas em escolas rurais, a professora Regina Dias Antunes da Silva cumpria uma rotina diária de longas caminhadas mata nativa adentro. Numa de suas idas e vindas, ficou no meio do caminho – em 1968, foi assassinada numa trilha.

Passados 36 anos da tragédia, seria razoável imaginar que muita coisa mudou. Não foi o que aconteceu. O crime não foi esclarecido e o exercício do magistério na região continua a ser, na maioria dos casos, um sacerdócio. “Cerca de 50% das escolas ficam na mata. São estradas abandonadas e precárias. Professoras saídas da adolescência, com 22 anos em mé-



Cícero Martins Vieira

dia, fazem sozinhas o trajeto. É preciso coragem, vocação e ousadia. É a outra realidade do Estado de São Paulo”, atesta o diretor de ensino de Apiaí, Pedro Paulo de Almeida Galvão.

Apiaí é conhecida como o “Portal da Mata Atlântica”. Exuberâncias naturais à parte – a cidade dá acesso a cavernas cinematográficas, por exemplo –, a cidade é também a porta de entrada do Vale do Ribeira, região que concentra os municípios mais pobres do Estado mais rico do país. Não deixa de ser emblemático que, na escola cujo nome evoca uma mulher tratada como heroína na cidade, funcione o QG do Projeto Teia do Saber.

Desde julho de 2004, o estabelecimento recebe docentes e doutorandos da Unicamp. A missão: ministrar cursos de formação continuada, até dezembro, para 356 professores da

Rede Estadual de Ensino. Na verdade, o papel da Unicamp no projeto financiado pela Secretaria Estadual de Educação é bem mais amplo. Docentes da Universidade integram o projeto em outras regiões do Estado – ao todo, são 14 diretorias de ensino–, mas é em Apiaí e em outras sete cidades vizinhas que a tarefa ganha contornos humanitários.

Depoimentos dos personagens locais revelam que, ali, o exercício do magistério é uma profissão de fé. Cícero Martins Vieira é um desses abnegados. Era de se imaginar que bastariam para ele suas tarefas à frente da Paróquia “Bom Jesus”, em Ribeira – cidade com quatro mil habitantes, margeada pelo rio Ribeira de Iguape. Vieira, porém, quis mais. Divide seu tempo exercendo dois ofícios que, garante, se complementam: o de padre e de professor. “Minha missão é formar cidadãos. Fazer as pessoas se sentirem gente, importantes e amadas. Tudo isso posso conciliar no atendimento às famílias e em sala de aula”.



Débora Prado de Almeida Pereira



Elisabete dos Santos Lima Mendes

Para completar a jornada obrigatória de 27 horas semanais, Vieira dá aulas de História em Ribeira e em outras dois municípios da região – Guapiara e Itapirapuã Paulista, esta tida como a cidade mais pobre do Estado, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Um dos trajetos percorridos pelo professor é cercado de armadilhas. “Em Guapiara, por exemplo, a escola fica próxima a uma mineradora e a estrada não é asfaltada. O fluxo intenso de caminhões oferece perigo para os motoristas”, conta.

Realidade semelhante é vivenciada pelas professoras Marina Corrêa Camargo Santos, Elisabete dos Santos Lima Mendes e Débora Prado de Almeida Pereira. A precária estrada que liga os 22 quilômetros entre Apiaí e Itaóca – segunda cidade mais pobre, segundo o IDH – é o caminho obrigatório das professoras. Apiaí é o local mais próximo para se lançarem na empreitada de recolher revistas e jornais em consultórios médicos da cidade a fim de municiar a Escola Estadual Professora Nésia Morim Martins de material para consulta. “Os

alunos não têm acesso a livros e jornais. São poucos os que possuem televisão”, diz Débora.

Para as aulas de Biologia, Elisabete não conta sequer com uma lupa ou microscópio. Seus alunos, a maior parte oriunda da zona rural e de comunidades quilombolas, aprendem apenas com o conteúdo dos livros didáticos. “Não tenho condições de mostrar ao menos uma levedura ou fungo”, reclama. Na falta de material para ensinar alguns conceitos básicos da sua disciplina, Elisabete recorre à diversidade natural da região.

Aos sábados, quando os professores da Unicamp estão em Apiaí, as professoras deixam de lado os afazeres domésticos e os momentos de lazer. Um sacrifício que, de acordo com elas, vale a pena. Para Marina, os assuntos ensinados reforçam a segurança em sala de aula. “Como moramos em um lugar carente de conhecimento, temos que agarrar a oportunidade”, diz.

Encomendas – “Ser professor nesta região é ser herói”, desabafa Valter Martins de Oliveira, que sente na pele a falta de recursos para ensinar Filosofia, disciplina que exige acesso à bibliografia atualizada. “Caso eu precise de um livro, tenho de encomendá-lo ou viajar até Sorocaba ou São Paulo”, afirma. Para o professor, seus alunos são os maiores prejudicados com a falta de acesso ao material adequado. Outro problema colocado por Oliveira, um ex-padre, é a falta de cursos de atualização na região, vista por ele como “nitidamente discriminada”. “Por isso o programa

está sendo fantástico. Ele abre um espaço para tirar nossas dúvidas, além de nos revelar novas metodologias”.

Também é um momento importante para analisar a prática das atividades e aproveitar a assessoria oferecida pela Unicamp. Com isso, os alunos ganham. “Eles terão o privilégio de ter professores bem-preparados e mais seguros em sala de aula”.

Vieira é outro que elogia a dedicação dos professores da Unicamp em levar o que chamou de “educação para libertar”. O professor valoriza os encontros na Teia que, segundo ele, têm proporcionado uma abertura em relação a temas ligados à diversidade. “Temos aprendido a conviver com o diferente. Essa novidade tem sido reforçada”, comemora. A sociedade como um todo, em sua opinião, vive uma fase de indefinição que acaba refletindo nas salas de aula. “Os alunos não têm claro o caminho do futuro, o amanhã. Cabe ao professor dar a orientação necessária”.



Marina Corrêa Camargo Santos

O preço a pagar – “Os professores da Unicamp falam o que queremos ouvir”, declara Lúcia de Souza Machado, de Ribeirão Branco. Professora de Língua Portuguesa, Lúcia tinha dúvidas quanto a colocações comuns na região em que dá aulas. “Eu não sabia, por exemplo, se era correto falar ‘obrigada eu’. Um professor da Unicamp [Wilmar D’Angelis] disse que é normal essa regra”. Neste primeiro momento, Lúcia diz que está no processo de “ingerir” o conteúdo; acredita que o “digerir” virá no futuro. Como já está na finalização dos programas de aula, Lúcia irá empregar todo conhecimento adquirido na Teia do Saber já no próximo ano letivo. Garante, sem vacilar, que está valendo a pena ter que percorrer 90 quilômetros para enriquecer sua bagagem. “Conhecimento não tem preço. Você paga de uma maneira ou de outra, em dinheiro ou em cansaço”.



Valter Martins de Oliveira



Elisabeth de Lourdes Martinez

Criatividade – Leila Julieta Barbosa Salturato deixou a filha de um ano e oito meses em casa com familiares para poder frequentar os cursos. “Está valendo estar aqui”, diz. Leila está matriculada no curso de Matemática e sabe bem o quanto deve usar a criatividade para ensinar. Para ela, as práticas têm enriquecido bastante. A professora está “tirando o máximo” dos conceitos passados pelo pessoal da Unicamp. “Vou melhorar cada vez mais”. Ela percebe um efeito positivo no modo de enxergar as coisas. “Isto terá um efeito sobre meus alunos, pois torna o aprendizado mais fácil”.

Devoção – O esmero com as plantações de couve, berinjela, repolho, alface e outras hortaliças e os enfeites na parede demonstram o zelo dos dirigentes da escola rural Professora Júlia Ribeiro Bretas, localizada no bairro Encapoeirado, distante 15 quilômetros de Apiaí. A quadra feita por mutirão de alunos é outro indício de que o lugar é bem-cuidado. “A grande maioria dos alunos sobrevive da safra de tomate. Trabalham na lavoura até tarde e estudam à noite. Muitos conseguem chegar apenas na segunda aula”, conta a diretora, professora Elisabeth de Lourdes Martinez.

Uma das cinco salas da escola de Encapoeirado teve que ser aberta este ano para abrigar estudantes do ensino médio que estavam fora da sala de aula. Eles têm entre 20 e 37 anos e chegam dos mais diversos bairros da região. “Quando termina a safra, o pessoal migra para outros locais e depois retorna para a plantação. Isso impede que freqüentem as aulas o ano inteiro”, explica a diretora.

A escola não tem linha telefônica, e as atribuições dos professores muitas vezes transpõem os muros da escola. Histórias de alunos com várias necessidades são comuns. “Visitamos as famílias de muitos deles para saber os problemas enfrentados em casa. Existem casos críticos, inclusive de alcoolismo”, conta a auxiliar de direção, Maria José Pedroso dos Santos. Adilson Rosa, um garoto de 14 anos, matriculado na 7ª série, é um dos exemplos. O jovem não apresentava comportamento adequado, era problemático e tinha muitas dificuldades no aprendizado. A perseverança da diretora fez com que o garoto se animasse a representar a escola nas competições de atletismo da região. Ele venceu e participará da rodada regional. “Se não tiver amor, você não faz o trabalho. Temos que nos empenhar, colocar a mão no bolso para ajudar em alguma coisa. É assim”, ressalta Elizabeth.

Mesmo com tantas tarefas na escola, Elizabeth e Maria José não hesitaram quando surgiu a oportunidade de participar da Teia do Saber. Elizabeth, inclusive, já pôde aplicar alguns dos ensinamentos do curso de Letramento nas reuniões com sua equipe. Houve muita procura pelos cursos e a escola de Encapoeirado, segundo elas, foi uma das instituições que mais enviou professores. “No curso de Letramento, por exemplo, participaram todos os 10 professores da escola”, festejam.

Texto extraído do Jornal da Unicamp (edição 268, de 4 a 10 de outubro de 2004)



Maria José Pedroso dos Santos



Aula da professora Vera Lúcia Batista Pienta, na E.E. Diógenes Ribeiro de Lima



Cena de bairro rural de Apiaí

DNA DA CEBOLA



Carmen Veríssima Ferreira

As professoras Fernanda Ramos Gadelha e Carmen Veríssima Ferreira, do Departamento de Bioquímica do Instituto de Biologia da Unicamp, protagonizaram uma experiência no mínimo curiosa. Dentro do assunto escolhido previamente, biologia molecular, e, atendendo a solicitação dos professores, redirecionaram o conteúdo procurando trabalhar o tema dentro do contexto vivenciado por eles. Isolaram o DNA da cebola para uma incrível platéia. “Os olhos de muitos deles brilharam”, atesta Fernanda. E foram além: demonstraram como se pode clonar um gene e obter uma planta transgênica, assunto importante numa região onde a economia é baseada na agricultura. Tudo na base da simplicidade. No caso do isolamento do DNA, lançaram mão de objetos prosaicos, entre os quais detergente, sal de cozinha, gelo e álcool.

“Minha sensação é de dever cumprido”, comemora Carmen, marinheira de primeira viagem nesse tipo de programa. Dizendo-se surpresa com o grande interesse dos alunos, a docente acredita que a

Unicamp contribui muito quando participa de projetos em outros municípios. “Isto acaba possibilitando o ensino numa realidade próxima àquela vivenciada pelos alunos”.

A opinião é compartilhada por Fernanda, cuja experiência no projeto entra no terceiro ano. A docente sabe que, ao auxiliar os professores com conteúdo teórico e prático, atinge a outra ponta da teia, no caso, os alunos. “Trata-se de uma progressão geométrica”, dimensiona. Feitas as contas, Fernanda parte para o conceitual e evoca os métodos usados pelo educador Paulo Freire. “Você contextualiza o que vai ensinar dentro da realidade vivenciada pelos alunos”.

Fernanda reconhece que a tarefa não é fácil, mas aponta saídas emergenciais para o impasse, sobretudo no que diz respeito à precariedade de material e, conseqüentemente, à falta de recursos. A solução? Criatividade, prescreve. “É preciso criar a partir de coisas simples. Bioquímica, por exemplo, é um terror para os alunos. Se arrumamos novos caminhos didáticos, correlacionando-os com a realidade deles, é possível uma aprendizagem sólida do assunto.”

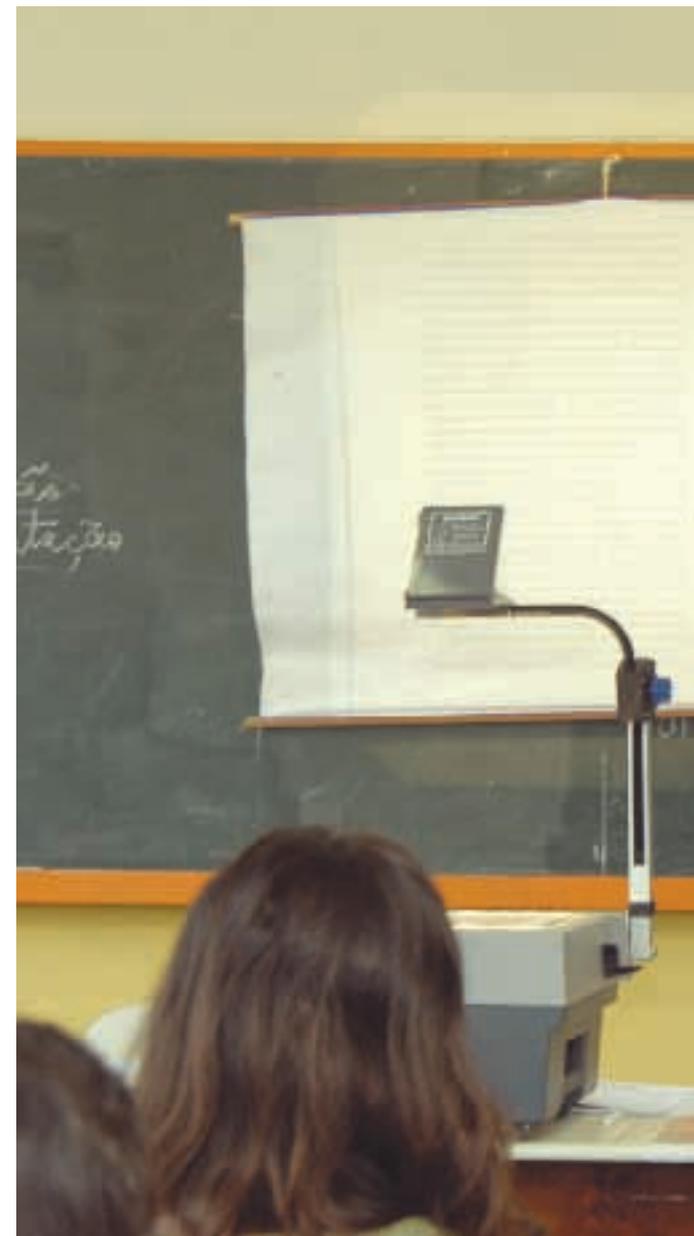
SAUDADES NA MALA

“Vou levar saudades na mala”. Foi essa a reação do professor Sílvio de Alencastro Pregnolato, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp, ao despedir-se de Apiaí. Desde 1981 na Unicamp, o docente acredita ser “absolutamente necessário” participar de programas com o perfil da Teia do Saber.

Na opinião do docente, mesmo com todas as carências, os professores assistidos pelo programa têm “uma força interior muito grande para tentar superar as deficiências, aprender mais e, assim, transmitir mais”. Pregnolato sabe dos contrastes do país, e acredita ter dado sua parcela para atenuá-los. “A minha esperança é que esse sacrifício contribua para diminuir esses abismos”.

MÃO DUPLA

Foto: Dário Crispim



Há dez anos professor do Instituto de Estudos da Linguagem, Wilmar da Rocha D'Angelis é um especialista em línguas indígenas. Trabalho de campo, para ele, não é novidade. Desenvolveu estudos, por exemplo, com línguas Jê e Macro-Jê, além de assessorar programas de educação escolar indígena. Quando foi convidado a participar do projeto no Ribeira, D'Angelis logo demonstrou interesse. Primeiramente, por ter a convicção de que a região “estava esquecida pelo Estado”. Depois, por intuir que a diversidade lingüística era uma das características da região onde, na sua avaliação, havia uma rica tradição mantida viva nas comunidades indígenas e quilombolas. “Estamos encontrando essa riqueza. Há uma grande variedade lingüística, boa parte dela desconhecida”, revela o docente.

Mais que ter contato com o objeto de seus estudos, D'Angelis vê nessa oportunidade um trabalho cujo alcance social tem mão dupla. Numa perspectiva, aplica-se os conhecimentos e as experiências acumuladas na Universidade, colocando-os a serviço da comunidade de professores e, indiretamente, dos alunos. “Esse tipo de trabalho enriquece a universidade continuamente, já que espelha a sociedade brasileira. Mostra um mosaico que nunca se sabe como se desenha”. Na segunda perspectiva, diz D'Angelis, o projeto é revelador na medida que comprova ser possível a universidade “ter os pés no chão”, mostrando uma realidade mantida desconhecida por vários fatores. “A nossa Universidade fala de um país que existe, porque está em contato com ele”.



APROXIMAÇÃO

Para Marili Bassini (à esquerda), doutoranda em História na Unicamp, se não fosse a Teia do Saber, dificilmente a Universidade conseguiria passar o conhecimento que ela produz para os professores da rede pública. “É importante essa aproximação da academia para também enriquecer o processo de construção do conhecimento”. Marili acredita que o contato dá sentido àquilo que se produz. “O conhecimento vai sendo renovado à medida que buscamos coisas novas com os professores”.

Célio Ricardo Tasinafo, também doutorando da História, concorda com Marili. “A extensão funciona porque atinge um público que serve como agente multiplicador”, diz. Para ele, divulgar as pesquisas em simpósios ou congressos é importante, porém, o público é restrito. “Esta é a melhor experiência para se difundir o conhecimento. Neste ponto, a Unicamp cumpre muito bem seu papel social”.



Fotos: Dário Crispim

